

APRESENTAÇÃO

Saber e Conhecimento na Amazônia Paraense

Saberes e conhecimentos são modos distintos de conhecer o mundo que necessitam dialogar. Os conhecimentos institucionalizados, ditos acadêmicos, devem unir-se às sabedorias advindas das comunidades tradicionais, dos intelectuais não escolarizados e dos mestres e mestras da tradição, que trabalham o pensamento a partir da sabedoria advinda das vivências e experiências. Isso porque a ciência não pode ser desvinculada dos contextos sociais, assumindo uma postura de distanciamento com o cotidiano. Mas o fazer ciência perpassa pelo resultado de uma transformação na forma de compreender os fenômenos, a vida, as relações humanas, o que exige uma atitude multidimensional. Ciências e saberes devem caminhar em diálogo, num trânsito de respeito e solidariedade, em que o Outro é incluído nos discursos científicos. E essa atitude requer um despir-se de estereótipos e de preconceitos. Exige um sair de si e ir ao encontro do Outro, de maneira que ideologias não interfiram nos resultados, pelo menos não de forma a obscurecê-los, já que o processo de compreensão pode ser visto como um ato tradutório e este, conforme argumenta André Lefevre (2007), não é imune às ideologias.

Desta feita, a edição **Saber e Conhecimento na Amazônia Paraense** traz ao leitor uma reunião de produções que, juntas, vinculam saber e conhecimento como lógicas complementares e cooperativas à compreensão de práticas locais, já que o universo paraense é um espaço intercultural, permeado de mitos, lendas, crenças e saberes diversos, aspectos que demandam uma atitude epistemológica pautada em perspectivas múltiplas, já que as necessidades na contemporaneidade vêm exigindo cada vez mais que o indivíduo esteja pensando e buscando soluções para questões do cotidiano numa dimensão plural interdisciplinar. E a Nova Revista Amazônica, desde sua primeira publicação, tem revelado discussões científicas que cumprem esse papel. Assim, não seria diferente com esta edição, a qual promove a divulgação da valorização de saberes e conhecimentos interdisciplinares, tendo em vista que nenhum aspecto, relacionado à vida, ao homem e à cultura, pertence de maneira estanque a uma única área de conhecimento.

Tendo isso em vista é que se faz necessário a prática da interdisciplinaridade, a qual perpassa pelo elo entre as disciplinas, com o intuito de um desenvolvimento sistêmico do

pensamento, viabilizado, sobretudo, pelo diálogo e pela permissividade das relações entre diferentes ciências, com a manutenção da coerência entre os múltiplos fragmentos de conhecimentos, buscando unidade na diversidade. Ademais, compreender que a vida e as relações humanas são dinâmicas é, portanto, saber que não há como sustentar “verdades” tidas absolutas, concluídas, unilaterais e reducionistas, como argumenta Morin (2005), em *Ciência com consciência*. Há, sim, que se considerar que o processo de conhecimento é pautado na inquietação, nas interrogações e na diligência de descobertas que alcance a dinamicidade do homem e sua cultura, da vida e sua representação.

Conseqüentemente, estudiosos apreciadores de pesquisas desse âmbito passam a observar que o diálogo é um caminho para construir ciência de forma crítica. Com isso, não se pode negar que a fragmentação de conhecimento isola o homem na alcova da especialização, enquanto a interdisciplinaridade empondera o pensamento humano, possibilitando-o abrir as janelas e contemplar o horizonte, porque permite o perguntar-se ao mundo, envolver-se nas memórias, atualizá-las no presente e cogitar o porvir, reflexivamente.

Ver-se-á, na leitura das produções seguintes, que local e universal dialogam-se por meio da superação de barreiras disciplinares. Assim, **A linguagem e a vulnerabilidade do corpo na Amazônia: da violência de gênero à denúncia em Bragança, Pará, Brasil**, de Adriano Vasconcelos dos Santos *et al*, investiga a maneira como a violência contra a mulher é tratada pelas instituições de denúncia e observa as principais formas de violências presentes na Região Bragantina. Para a análise dos dados, os autores apoiam-se nos estudos de gênero e discurso, buscando compreender a vulnerabilidade do corpo diante dos diversos tipos de agressões sofridas por mulheres.

Em **A personagem Dinaura, de Órfão do Eldorado: vozes narrativas e alteridade na construção do enigma da feminilidade**, das autoras Francisca Andréa Ribeiro da Silva e Sylvia Maria Trusen, é discutido como as vozes e perspectivas narrativas, presentes na obra *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, constroem a personagem Dinaura, observando as relações de alteridade étnicas, religiosas e de gênero. Ademais, para a análise da personagem, discute-se as conseqüências do colonialismo no período moderno, as negociações culturais e os aspectos da tradução cultural. Assim, reafirma-se a relevância da escrita de Hatoum acerca de temáticas plurais e universais.

Já em **Caracterização prosódica do português falado na Amazônia: variedade linguística de Mocajuba (PA)**, de Maria Sebastiana da Costa, Albert Rilliard e Regina Célia Fernandes Cruz, é realizada uma abordagem da variedade linguística de Mocajuba, Pará, no seio do projeto AMPER-POR (Costa, 2005), evidenciando os fatores escolaridade e sexo na determinação de diferenças prosódicas nessa variedade.

O estudo **Com quantos enunciados se produz o mau aluno?**, de Sandra Dias Bastos e Silvia Nogueira Chaves, discute relações de poder em sala de aula, atentando-se aos discursos de um professor, em duas situações postas em análise. Para embasar o trabalho e entender a relação que se estabelece de hierarquia e submissão entre professor e aluno, as autoras recorrem às teorias de Michel Foucault.

A pesquisa **Habilidades sociais e habilidades de liderança: reflexões sobre os cursos tecnológicos superiores privados na Amazônia**, de Ana Paula de Andrade Sardinha e Rosinele da Silva de Oliveira, propõe a descrição de comportamentos de professores de cursos tecnológicos, do setor privado, na cidade de Belém, Pará, observando as habilidades sociais e as habilidades de liderança desses atores da educação, com base no inventário elaborado por Del Prette e por intermédio de questionário, respectivamente. Em ambos os aspectos notados, verificou-se que os educadores apresentam bons repertórios dessas habilidades.

Por sua vez **Legislação ambiental: um histórico de desafios e conquistas para as políticas públicas brasileiras**, de Rodrigo Fraga Garvão e Simone Andrea Lima do Nascimento Baia, discute os marcos normativos de proteção ao meio ambiente no Brasil, por intermédio de um recorte histórico entre o início do século XVII até o século XXI, como estratégia de análise para perceber os avanços e conquistas garantidos em leis.

Em **Migração e colonização da Transamazônica na obra de Odette de Barros Mott**, dos autores José Valtemir Ferreira da Silva, Francisco Pereira Smith Júnior e Aline Costa da Silva, a discussão é centrada no processo de migração na rodovia Transamazônica, em 1970, a partir da análise da obra *A Transa Amazônica (a grande ilusão)*, de Odette de Barros Mott, juntamente com observação e o diálogo com outras fontes bibliográficas, as quais centram a discussão na temática da migração. Assim, os autores realizam uma interessante reflexão acerca do cotidiano dessa rodovia representado

na ficção e colaboram com os trabalhos sobre os grandes projetos na Amazônia e seus desdobramentos.

O trabalho **O mar engoliu a praia na Amazônia: origem da comunidade do Castelo narrada pelos moradores locais, Bragança, Pará**, de Maria Adriana Leite, Divino Bruno Cunha e Luis Junior Costa Saraiva, utiliza fotografias e narrativas de sujeitos como estratégias metodológicas à compreensão do processo de fundação e povoamento da comunidade do Castelo, em Bragança, Pará, e sua relação com a pesca. Dessa forma, o trabalho revela a importância de fotografias e narrativas para os estudos de campo da memória social.

Princesa do Xingú: colonização e migração na Amazônia paraense, de Suzanny da Silva Lima e Francisco Pereira Smith Júnior, trata de discussões teóricas referentes ao processo de migração, no intuito de refletir sobre o contexto de criação e implantação da agrovila Princesa do Xingú, no município de Altamira, Pará, já que a mesma surgiu a partir de migrações. Ademais, apoia-se também em entrevistas de residentes dessa vila, que presenciaram eventos marcantes na história da fundação de tal comunidade.

Por fim, **Texto de opinião e sequência argumentativa: uma análise do texto argumentativo produzido no ensino superior**, de Ana Paula Martins Alves e Marílio Salgado Nogueira, discute uma proposta de análise textual-discursiva de produções de textos de opinião de estudantes recém-ingressos no ensino superior, reconhecendo a sequência e a teoria proposta por Adam (2011), para uma análise textual dos discursos.

Na seção livre, **As relações entre imagem e arquitetura: um olhar sobre a catedral diocesana de Santa Maria Mãe de Deus, Castanhal (PA)**, de Marcos Murrelle Azevedo Cruz e Daniel S. Fernandes, apresenta a relação entre imagem e arquitetura contemporânea nas expressões da Catedral Diocesana de Santa Maria, Mãe de Deus, em Castanhal (PA). Segundo os autores, é possível que um acurado estudo sobre as expressões materiais e espirituais deste templo cristão aponte para um paradoxal encontro entre o desencantamento da arquitetura e o retorno ao simbolismo das imagens, tão caro à evangelização nos dias atuais.

Segundo Jocenilda Pires de Sousa do Rosário e Carlos Henrique Lopes de Almeida, o artigo **Realidad e imaginario en la relación de Gaspar de Carvajal sobre el descubrimiento de la amazonía**, se ocupa de la expedición conquistadora de Francisco de

Orellana y Gonzalo Pizarro que cruzaron el Río Amazonas en 1541/1542 en busca del mítico reino de El Dorado como del País de la Canela.

Tradição e matemática: a etnofotografia da cerâmica caeteuara da Vila “Cuéra” em Bragança-Pa, de Samuel Antônio Silva do Rosário e Luis Junior Costa Saraiva, apresenta uma análise sobre relações entre a Matemática e a tradição de construção da cerâmica caeteuara. A pesquisa está sendo realizada em uma comunidade amazônica de características tradicionais, chamada “Vila Cuéra”, situada no espaço rural do município de Bragança, Pará, Brasil, às margens do rio Caeté.

Em **Recensão ao livro *Viva, Senhor Presidente, Lisboa, Folio Exemplar, 2017, de Simion Doru Cristea***, Maria João Coutinho realiza a resenha do romance filosófico, “Viva, Senhor Presidente” de autoria de Simion Doru Cristea, descreve num estilo fino, espontâneo, direto e emocional, sem pomposidades de frases, mas privilegiando uma escrita inteligível, as várias e díspares concepções do mundo e as soluções para todas elas.

Nos Ensaio Etnofotográficos, **Pamonha: Traço Cultural na alimentação de Tauari**, de Savana Cristina Lima Cardoso e Daniel dos Santos Fernandes foi realizado em uma vila chamada Tauari - município de Capanema/PA, na qual os autores acompanharam o processo da feitura das pamonhas derivada do milho, sendo que a feitura delas foi feita no roçado de milho de uma senhora chamada Francisca Lima e de seu filho 3 Enoque Lima, família está que reside na comunidade de Tauari.

O ensaio Saberes e tradição: a cerâmica caeteuara da comunidade fazendinha, de Dione Vieira Salis, Damiana Barros Nascimento, João Paulo Martins Sarmiento e Flávio Leonel Abreu Silveira é resultado de uma pesquisa de campo realizada como requisito de avaliação final para a disciplina Antropologia Visual e da Imagem, do Curso de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. O *locus* desta experiência foi a Comunidade Fazendinha, situada à margem esquerda do rio Caeté, distante 5 km da sede do município de Bragança, nordeste paraense.

Na seção de vídeos etnográficos, **Belém, cidade apaixonante**, de Claudia Valéria França Vidal, conta um história de amor por Belém e em Belém contada através de imagens e músicas.

Com isso, percebe-se que há na proposta da Nova Revista Amazônica a compreensão de que é necessário enriquecer o leitor com assuntos que fujam da trivialidade, mas que outrossim não desconsidere louvável de ser posto em análise o que não é tido como cânone, clássico e temas considerados elitizados. Há espaço para o convívio, numa relação dialógica, do que é cientificamente prestigiado, em relação às teorias, com o que é resultado da produção e da história das camadas periféricas e subalternas, que até certo ponto da história da humanidade eram considerados não pertinentes à análise. Assim, a Nova Revista Amazônica vem rompendo paradigmas por acolher estudos que associam teorias científicas com saberes locais, entendendo que o fazer ciência cabe o singelo, o trágico, o menor, o interior, o global, a cotidianidade, a tradição, a memória, os costumes, a

fala, o som, a arte, a cultura, enfim, a vida pretérita ou em curso e tudo que coopera para ela. Portanto, recortá-la, revivê-la, traduzi-la, pensá-la, ressignificá-la e sabê-la!

Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior
Profa. Ma. Francisca Andréa Ribeiro da Silva